

# DESDE A DEVOÇÃO COMO UM JOGO ATÉ À REPRODUÇÃO DA NORMA SOCIAL\*

José María Valcuende del Río\*\*

*Neste artigo analisamos o papel da religião no processo de enculturação dos indivíduos na sua própria cultura, sendo que, a religião não pode ser entendida apenas como doutrina. Cada sociedade assume e reinterpreta uma mesma mensagem de formas diversas em função das suas características. É por isso que, este processo de enculturação, deve ser analisado num contexto concreto. Neste caso, tomamos como ponto de referência uma localidade de Andaluzia, situada no extremo sul ocidental, junto à fronteira espano-lusa o caso de Ayamonte. Através da análise de algumas acções simbólicas desta localidade, poderemos compreender como os mais pequenos se vinculam ao seu mundo social, a partir da assunção de um discurso religioso, no qual se vincula emocionalmente uma invocação a um território social concreto. Um processo que, como poderemos ver, não é igual para meninos e meninas. Homens e mulheres jogam papéis distintos dentro das Irmandades, nos rituais, na relação com a divindade, como também jogam papéis marcadamente distintos, noutros contextos da vida social.*

## **Enculturação e discurso religioso**

A criança transforma-se em homem social à medida que assume e interioriza determinadas normas e que o seu comporta-

\* Comunicação apresentada no III Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Fevereiro de 1996

\*\* Universidade de Sevilha

mento responde a uma série de modelos regulados socialmente. Modelos estes que delimitam as fronteiras entre as diferentes idades sociais. A infância, a juventude, a velhice são conceitos relativos e podem mudar ou ser adaptados em função de cada contexto histórico, em função de cada sociedade. Deste modo, e a nível geral, podemos observar como nos últimos anos assistimos a um prolongamento das etapas iniciais na vida do indivíduo, isto é da infância e da meninice, em relação a outros fenómenos cada vez mais prolongados, como as fases de formação, assim como o acesso ao mundo do trabalho. O percurso de uma etapa, para outra da vida, é acompanhado por um processo de ritualizações que pouco a pouco se manifesta também nos rituais de carácter religioso. Rituais que, como veremos posteriormente, formam parte de uma ideologia de grande eficácia para a reprodução social e para a enculturação dos indivíduos no seio do seu próprio grupo.

A diferença fundamental entre a infância e a juventude está vinculada na nossa cultura pelo início da sexualidade, ou melhor, pela reprodução. Não podemos esquecer que na cultura cristã ambos os conceitos têm estado profundamente vinculados. Deste modo, os meninos embora nasçam sexuados, pelo facto de serem machos ou fêmeas deverão receber um tratamento diferente, supondo que carecem de sexualidade. Deste forma, vão-se criando uma série de metáforas que tendem a ocultar à criança a existência do corpo, até que se considere que esteja suficientemente preparada para saber algo, que consciente ou inconscientemente, é visto como impuro. A sexualidade como impureza está separada do mundo da infância vinculada com uma suposta «pureza» e «inocência». É por isso que se cria para as crianças um mundo mágico que tende a ocultar-lhes a realidade do funcionamento das relações humanas e sociais. O mundo da infância é deste modo um mundo recriado, reinventado pelos adultos que tendem a mitificar uma situação em que tudo era possível, onde todos os sonhos que não se cumpriram estavam

por realizar, em que é projectada a ilusão de um mundo que não existiu quando o adulto era criança e que não existe nas crianças que serão adultos embora, o desejo e a necessidade dos mesmos em escapar à sua vida quotidiana, a convertam em realidade

Esta visão mitificada da infância tem também o seu modelo no calendário cerimonial anual. As festas de Natal, por exemplo, são *um* período directamente vinculado à infância. Os Reis do Oriente, Santa Claus, São Nicolau — personagens da ficção — convertem-se em personagens de carne e osso. Personagens estas, que podem cumprir os sonhos de algumas crianças que ainda têm a capacidade de crer num mundo mágico que a nossa sociedade de consumo supõe rentabilizar economicamente. E hoje em dia até os sonhos se podem comprar. Mas todos os sonhos acabam e a nossa criança um dia descobrirá que os três reis imaginários não eram mais que um homem e uma mulher. Se a curiosidade serviu para expulsar Adão e Eva do paraíso, a curiosidade servirá para que a criança, pouco a pouco, se vá afastando de um mundo imaginário, e talvez por isso tão desconhecido como o mundo da infância.

À medida que a vida como um jogo se vê substituída pelo jogo da vida, a criança deverá ir assumindo determinadas responsabilidades num processo contínuo de enculturação. Uma enculturação que não se realiza unicamente a partir da transmissão de determinada informação. Isto é, a criança além de saber e experimentar o que significa ser adulto, e portanto o que significa ser homem e mulher, deve sentir-se como tal. O sentimento individual deve ser normativizado na inter-relação social, sendo aqui que o discurso religioso, a partir da ideia de pecado, joga um papel fundamental. Existe uma só realidade e portanto um único e correcto procedimento: «o pecado é uma falta contra a razão, a verdade, a consciência recta; é falta de amor verdadeiro para com Deus e para com o próximo, a causa de um apego perverso a certos bens. Fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Foi definido como uma palavra, um

acto ou um desejo contrário a lei eterna» (*Catecismo de la Iglesia Católica*, 1992: 117).

O acto de assumir um determinado discurso religioso significa aceitar uma realidade predeterminada. O discurso racional passa para segundo plano. A fé, isto é, a crença sem provas, está na base de uma forma de explicar a realidade social desde o exterior da mesma. Deste modo, aceita-se que existe uma «lei natural» reflexo de uma lei divina, a partir da qual o indivíduo deve actuar de determinada forma. E é por isso que a religião é uma das ideologias mais eficazes para a reprodução social. É eficaz, na medida em que é indestrutível como a lógica social, já que, aparentemente, está à margem dela própria, considerando-se como uma não construção. O carácter de revelação do discurso religioso sacraliza uma mensagem que estabelece os comportamentos e normas que as crianças devem assumir como únicas possíveis a partir da delimitação do «bem» e do «mal» separados pela ideia de pecado. Um assumir que não passa pela razão mas pelo sentimento. A fé é a base de um conhecimento reforçado a partir de castigos que de forma *maniquea*<sup>1</sup> cria um mundo de bons e de maus. Em função do que a criança for assumindo como comportamentos normais, ela receberá uma série de prémios que reforçam algumas condutas determinadas. Os reis magos premiarão as crianças que se comportem correctamente, o carvão<sup>2</sup> permanecerá como uma ameaça potencial para aqueles que não cumpram com as suas obrigações. E eis que a ameaça, o castigo, está na base de um processo supostamente «educativo», configurado por diferentes rituais ordinários e extraordinários que «protegem» os indivíduos do mundo e asseguram o cumprimento de alguns comportamentos socialmente estabelecidos. O seguimento das normas, a segurança emocional dos

<sup>1</sup> Que segue os erros de Maniqueu, o qual admitia dois princípios criadores: um para o bem e outro para o mal (N I)

<sup>2</sup> Entenda-se fogo (N I)

indivíduos, que de uma ou de outra forma necessitam permanecer no mundo da infância, num mundo predeterminado por aqueles que lhes antecederam<sup>3</sup>

Os mecanismos de controle da religião vão mais além da presença de qualquer adulto e estão na própria consciência das crianças. Deus vê tudo e está presente em qualquer momento, disposto a castigar todas as transgressões da criança. A figura de Deus converte-se, assim, na figura do pai, na representação da lei e da ordem, na representação da força; Ele tem a última palavra na hora de premiar ou castigar um comportamento, incluindo um pensamento determinado. A figura da Virgem transforma-se na representação ideal e impossível da mulher: mãe e virgem é interceptora, protectora da criança frente à lei, frente à representação de Deus pai. Estas representações simbólicas do social configuram alguns modelos de conduta para a criança, a partir dos quais se criam algumas associações que delimitam as relações entre seres humanos, entre homens e mulheres:

Igreja – Sociedade Deus – Homem Poder Público Criação da norma Força	Igreja – Sociedade Virgem – Mulher Poder Privado Reprodução da norma Intersecção
--	--

O progressivo assumir de responsabilidades por parte da criança vai-se traduzindo em reconhecimento social. Um reconhecimento que passa por distintas fases e tem como ponto culminante a comunhão. Para chegar a este ritual a criança foi preparada durante uma etapa da sua vida, tanto na escola, como no seio da família e da paróquia onde frequenta a catequese. Receber a comunhão supõe que a criança já pode distinguir entre o

<sup>3</sup> O antropólogo Raúl Iturra estabelece, de forma metafórica, diferenças entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. A metáfora não está associada a uma acção biológica, mas sim à capacidade ou incapacidade do indivíduo optar entre diversas alternativas.

bem o mal; que deve assumir certas responsabilidades e, portanto, pode ser premiada ou castigada em função do maior ou menor grau de cumprimento das normas. Até agora, a responsabilidade do seu comportamento era directamente vinculada aos pais, começando, a partir de então, a ser responsável diante dos outros, principalmente diante da figura de Deus pai. Receber a comunhão supõe que a criança deva estar em paz com a sociedade, onde é vigiada pelos seus responsáveis e em especial pelos seus pais, e com a sua consciência, onde também é vigiada pela figura paterna e materna debaixo do olhar de Deus e da Virgem. Um duplo controle que se converte especialmente eficaz na hora de regular o seu comportamento.

Nesta primeira etapa da educação das crianças a mulher cumpre uma função fundamental. Ela é a encarregada, em boa medida, da reprodução social e ideológica no seio do grupo doméstico, assim como, de transmitir determinadas devoções:

*«No homem a aprendizagem da devoção faz-se unicamente durante a infância, uma vez que é nesta fase que mais vive no universo feminino, esta aprendizagem é feita a partir da mãe mas também das irmãs, tias e avós, e claro está, com a ajuda do padre e da catequese culminando com a primeira comunhão. A partir daqui, afasta-se pouco a pouco do mundo do devoto, sai das fraldas da sua mãe, para entrar, depois de um período de flutuação entre rapazes, no universo do homem. A educação viril centra-se no escamoteamento da infância. SER HOMEM implica uma ruptura radical com a sua própria infância e com o mundo da mulher para acentuar que, de agora em diante, somente os traços que o farão homem. O homem far-se-á fora da lareira<sup>4</sup>, no mundo que se tornará seu mundo» (Cantero, 1988-1990)*

A partir da comunhão reforça-se a separação simbólica entre a representação social do mundo masculino e do mundo femi-

<sup>4</sup> Entenda-se lar, casa (N I)

nino, à medida que o rapaz configura um mundo próprio onde os valores associados ao seu gênero devem ser os valores dominantes. A rapariga continuará a ocupar espaços sociais secundários, enquanto o rapaz começa a ocupar espaços sociais de reconhecido prestígio, passando à tutela do pai, encarregado de ensinar-lhe outros valores; deste modo, a construção social do sexo e da idade aparecem assim estreitamente vinculados. O rapaz deve ser ensinado a mandar, a mulher a obedecer. Não é estranho, portanto, que a uns vinte e cinco anos atrás, uma rapariga de um pequeno povo castelhano quando se lhe perguntava o que queria ser quando fosse maior, respondeu: «Eu quero ser casada» (Valcuende del Rio, 1995). A mulher devia sujeitar o seu futuro ao futuro do homem; a profissão entendida a nível social pertencia ao mundo dos homens. Este carácter de subordinação esteve especialmente patente nos textos de carácter religioso: «*A Virgem Maria realiza da maneira mais perfeita a obediência à fé. Maria teve na fé, o anúncio e a promessa que lhe trouxe o Anjo Gabriel, crendo que nada é impossível para Deus*» (Lc 1, 37; cf Gn 18, 14). E dando o seu consentimento: «Está aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a sua palavra» (*Catecismo de la Iglesia Católica*, 1992: 42).

### **Discurso religioso e contexto social**

Não podemos falar de um discurso religioso de forma abstracta. Se analisarmos o nosso contexto cultural podemos observar como uma mesma religião – neste caso a católica – e como uma só mensagem é traduzida e reinterpretada de formas diversas segundo os contextos sociais. Não se vive da mesma forma a religiosidade no caso castelhano como caso no andaluz; não se vive da mesma forma a religiosidade por parte das classes dominantes ou dominadas, etc. Cada grupo social em função das suas próprias normas sacralizará aqueles aspectos que são fundamen-

tais em cada contexto histórico para a sua reprodução. A partir dos lugares de poder podem-se criar imagens de identificação, mas para que estes se transformem em símbolos, ou seja, em elementos estruturantes da realidade social, devem ser reinterpretados pelas colectividades, para que estas os assumam como seus. É em função destes contextos que a criança interioriza determinado discurso religioso, na medida em que também interioriza determinados comportamentos sociais. É por isso que devemos analisar o discurso religioso no contexto em que a criança é enculturada.

Nas páginas seguintes iremos aproximar-nos do caso andaluz, a partir de acções simbólicas de uma localidade de cerca de dezasseis mil habitantes, situada no extremo sul ocidental Andaluz, junto ao rio Guadiana, fronteira geográfica e política que separa a Andaluzia do Algarve: o caso de Ayamonte<sup>5</sup>

### **A Virgem e Cristo: as virgens e os cristos**

Um dos aspectos mais significativos da religiosidade andaluza é a proximidade de como são tratadas as imagens. Aos conceitos abstractos e impessoais do discurso oficial contrapõe-se um culto a imagens que têm nomes e apelidos. Se as imagens foram o veículo para transmitir determinadas mensagens, em muitos casos as primeiras acabaram sendo mais importantes que as segundas. Cada imagem, como cada pessoa, tem uma funcionalidade distinta. Os diferentes grupos articulam-se em torno das mesmas. Pai Jesus, Paixão, o Cativo, a Saudade, a Amargura, a Paz, as Angústias. Em alguns casos estas imagens têm uma clara importância social, uma vez que representam diferentes colectividades. Por exemplo, o caso de Pai Jesus da Villa é o expoente máximo da representação simbólica de todo povo de Ayamonte, ou o

<sup>5</sup> O nosso trabalho de campo, durante quase dois anos, foi desenvolvido nesta localidade



caso da Virgem das Angústias, patrona oficial da localidade, com a qual os ayamontinos representaram a ideia dos limites da comunidade, da fronteira. Todas as festas locais têm, de um ou de outro modo, um expoente religioso; devoção e festa nunca estiveram separados muito menos na sociedade andaluza. É por tudo isso que a enculturação das crianças ayamontinas está muito vinculada às imagens com mais clara significação social, especialmente na festa que adquiriu mais importância nos últimos anos como é o caso da Semana Santa local. Tudo gira em torno de algumas datas, em que as distintas Irmandades fazem a procissão das suas imagens pelas ruas ayamontinas. Também as crianças participam de um modo destacado nesta celebração. Não é estranho vê-los nos larguíssimos desfiles, nas procissões vestidos de nazarenos, ver as crianças oferecendo cera com as velas, ou recolhendo-a com a mão. Desde pequenos aprenderam a vincular-se a alguma das múltiplas Irmandades, associações cuja importância vai muito mais além da importância puramente religiosa, sendo, sem dúvida, a forma mais importante de associativismo na Andaluzia. Não é estranho, portanto, que as crianças andaluzas brinquem com as cruces, imitando os jovens carregadores, ou reproduzindo as suas próprias procissões. É isto que sucede em Ayamonte, alguns dias depois da Semana Santa, em que as crianças se convertem em autênticos protagonistas da celebração.

Um grupo de crianças entre os dez e doze anos concentra-se à volta de duas figuras, de um Cristo e de uma Virgem, às portas do que foi no passado o palácio do Marquês de Ayamonte, hoje casa de um reconhecido pintor, promotor desta singular «Irmandade». Preparam-se para a procissão das imagens à semelhança do que uns dias antes fizeram os seus responsáveis na celebração da Semana Santa local. Carregadores, capatazes, penitentes. Tudo como se fosse uma procissão normal, com excepção de uma característica: a idade dos nossos protagonistas. Estas crianças brincarão durante algumas horas a serem responsáveis, isto

é, a terem responsabilidades públicas – brincarão a ser homens e mulheres. Os rapazes terão um papel principal como carregadores, capatazes... São, em teoria, os que marcam a cadência enquanto a participação das raparigas tem um carácter completamente secundário – brincarão a representar Ayamonte, no que a Semana Santa local se converteu, ou seja, num autêntico acto de reafirmação local<sup>6</sup>. As crianças por algumas horas devem deixar de ser crianças. Hoje são os representantes de uma Irmandade e como tal devem actuar. Devem aprender a reproduzir algumas normas que eles não criaram, para que um dia sejam considerados como adultos sociais, momento a partir do qual, a devoção deixará de ser um jogo para converter-se numa norma de vida.

Como podemos ver, a importância dos actos formalmente religiosos na enculturação das crianças vai mais além do que o ensino de algumas normas morais de comportamento. Têm uma grande importância, na medida em que, contribuem para que a criança associe determinadas imagens a determinados territórios sociais. A devoção às imagens religiosas contribui para a reprodução dos modelos sociais. Uma devoção, como dizíamos anteriormente, é reproduzida basicamente desde o mundo feminino, ensinando a rapazes e raparigas uma forma de aproximação às imagens, também distinta em função do seu sexo.

Uma das nossas informantes recorda que, quando era menina, ia com o grupo das suas amigas até a capela do Pai Jesus para «cristianizar» as suas bonecas. Com o tempo, o grupo da nossa informante cristianizaria as crianças. A mulher é a encarregada de transmitir a devoção, de pedir pelos seus filhos, de interceder perante a divindade. O homem é o encarregado de organizar os actos, de levar as imagens, de dirigir as Irmandades... Funções simbólicas que têm também uma clara correspondência a nível

<sup>6</sup> Como diria um escritor local para diferenciar os ayamontinos do povo vizinho da Ilha de Cristina com o qual se manteve historicamente uma forte rivalidade: embora as crianças de Ilha Catarina nasçam vestidas de arlequins (em referência à festa mais significativa dessa localidade) as crianças ayamontinas nascem vestidas de nazarenos.

social As distintas funções o homem que adquire ao longo da sua vida nestas acções simbólicas vão delimitando a construção social do seu sexo e da sua idade A criança quando deixa de ser criança poderá começar por ser carregador da imagem, com aquela que se sente mais identificado, como se dedicará a seguir os passos das procissões, a imitar os carregadores, As diferentes etapas dentro da irmandade delimitam as distintas fases da sua vida até que seja considerado cidadão de pleno direito dentro do seu próprio grupo, dentro da sua própria localidade. A enculturação dentro de determinado discurso religioso é a enculturação dentro de uma determinada sociedade local que se auto representa e se sacraliza nas suas imagens

As festas do povo são as festas da Virgem das Angústias, imagem que um dia foi disputada entre espanhóis e portugueses, mas que, por uma acção «milagrosa» decidiu ser ayamontina. Nesta festa as crianças voltam a ter uma representação destacada. Se na procissão infantil da Semana Santa são os rapazes que adquirem um maior protagonismo, nesta serão as mulheres e entre elas as raparigas, que ocuparão um papel principal. Um dos actos da festa é a oferta de flores à imagem que é tirada durante algumas horas da igreja paroquial para que os ayamontinos desfilem com seus ramos de flores perante a imagem. Nesta cerimónia serão as mulheres a ocupar o papel mais destacado; serão estas que, maioritariamente, desfilarão com os seus trajes de flamenga perante a imagem da patrona. As raparigas, as jovens e as mulheres aproximam-se da representação feminina da comunidade, mas sempre em função de reproduzir determinado modelo de feminilidade. As raparigas, que, em poucas ocasiões adquirem um papel protagonista, participam nos actos públicos para serem vistas. Deste modo, diferenciadamente dos actos onde o rapaz adquire um papel mais destacado, vimos que no caso das mulheres estas acções simbólicas não estão tão marcadas pelas rupturas como no caso do rapaz. Mulheres adultas, jovens e meninas participam de um mesmo acto, cumprem uma

mesma função. Nos actos masculinos, a delimitação das suas funções em relação às diferentes idades sociais está muito mais marcada. Isto subsiste claramente nos programas de outros rituais, como o dos quintos, em que o rapaz expressa de forma simbólica a ruptura com o mundo feminino e portanto a sua inclusão no mundo dos adultos<sup>7</sup>. Isto não é estranho, se tivermos em conta que o homem é ensinado desde criança a participar activamente na vida pública.

### Conclusão

Desde criança é ensinado aos seres humanos a reproduzir e interiorizar certos modelos religiosos que, em último termo, são modelos sociais de conduta. Alguns modelos que são justificados à margem da lógica social e que servem para dar as chaves correctas de alguns comportamentos que são ritualizados ao longo da vida do homem. O ritual converte-se, deste modo, em algo necessário, na medida em que, modela qual deve ser o papel de cada indivíduo em função da sua pertença territorial, do sexo, da sua idade. Mas, ao mesmo tempo, contribui para classificar e estandarizar as condutas supostamente correctas e incorrectas. Quando a criança consegue canalizar o seu sentimento individual, em função das normas sociais, estaremos perante um homem «correctamente» socializado, estaremos perante um grupo que conseguiu reproduzir-se como tal. Um grupo que necessita de referentes de

---

<sup>7</sup> Embora em determinadas zonas do Estado espanhol as festas dos quintos terem uma grande importância, no caso andaluz as festas dos quintos desapareceram praticamente, embora ainda encontremos exemplos bastante significativos, como o exemplo analisado por Cantero P, num povo da Serra de Huelva: Galaroza. Estas festas delimitavam claramente a fronteira a partir da qual os rapazes entravam para formar parte do mundo dos adultos. Na Andaluzia, esta relação entre rapazes e a sua enculturação dentro dos valores associados ao seu género produz-se, em boa medida, embora com significados distintos também através de agrupamentos como a dos carregadores. Seguir os passos das diferentes imagens é em muitas ocasiões um acto expresso de honra e virilidade.

relação, o que também significa normativizar e normalizar as condutas. Qualquer conduta que se afasta da norma será considerada como desvio, marginalidade, enfermidade na medida que não responde à lei natural, à lei divina, à lei científica... O indivíduo aprende, desde criança, que o seguimento da norma redonda em diferentes prêmios que reforçam a sua conduta e o seu reconhecimento social. Como leitura da infância, essa aprendizagem da norma é indicativa da entrada no mundo dos adultos. Não obstante, como leitura metafórica da infância, proposta por Raúl Iturra, a incapacidade de optar entre diversas alternativas seria um prolongamento da infância, mais além da idade adulta, na medida em que as normas sociais se assumem como normas naturais: não há possibilidade de opção, passamos assim da devoção como jogo à reprodução de uma norma social, situada por cima de nós próprios. Uma reprodução que garante o êxito social dos futuros homens, uma reprodução que limita a criação de novas alternativas. Não é estranho, portanto, que o processo de enculturação, mais que um processo de aprendizagem, se converta num processo de repetição daquelas normas «sagradas» consideradas fundamentais para a subsistência da colectividade.

*Correspondência José Maria Valcuende del Rio, C/ Tambre 4 - 2 Dcha, 41005 Sevilla, Espanha*

### **Referências Bibliográficas**

- CANTERO, Pedro (1988-1990) «Tres Damas, Dos Reinas (la devocion a Ia Virgen en Ia Sierra de Aracena)», en *Anuário Etnológico de Andalucía Catecismo de la Iglesia Católica* (1992) 2ª edição, Ed. Associação de Editores del Catecismo
- ITURRA, Raúl (1990) *A construção social do insucesso escolar*, Lisboa: Edições Escher
- ITURRA, Raúl (1991) *A religião como teoria da reprodução social*, Lisboa: Edições Escher

- REIS, Filipe (1991) *Educação, ensino e crescimento*, Lisboa: Edições Escher.
- VALCUENDE DEL RIO, J M (1995) *De Angeles a Quintos* (no prelo)
- VALCUENDE DEL RIO, J M (1995) *De Angeles a Quintos* Rituales en la construcción Social del Sexo y de la Edad., Comunicação apresentada no Curso de Outono *Religiosidad Popular y Ritos de Iniciación*, Andujar
- VALCUENDE DEL RIO, J M. (1995) *El Padre Jesús y la construcción de la comunidad, la virgen de las Angustias y la creación de la frontera* (no Prelo)